

## Didatizando o gênero relato de experiência no Ensino Fundamental - reflexão sobre reescrita textual

Marcela de Melo Cordeiro EULÁLIO\*  
Juliana Ramos do NASIMENTO\*\*  
Maria do Socorro Paz e ALBUQUERQUE\*\*\*

53

**Resumo:** A regência de ensino é uma etapa na formação do professor, que busca aliar a teoria à prática do ensino. Tal prática, conforme Zabala (1998), apud Pimenta (2004), obedece a diversos determinantes, visto haver sua justificativa nos parâmetros institucionais, bem como nas tradições metodológicas, nas possibilidades reais dos professores e nas tradições existentes. Pensando nessas orientações, lembramos que os Parâmetros Curriculares Nacionais também esclarecem que o ensino deve ser orientado por uma sequência didática que, para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Assim, neste trabalho, objetivamos analisar nossa experiência com a didatização do gênero relato de experiência no ensino fundamental, vivenciada na disciplina Prática de Ensino da Língua Portuguesa I do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande-PB. Além disso, faremos uma reflexão sobre as atividades vivenciadas pelos alunos do 8º ano de Escola Pública do Ensino Fundamental, como a produção do gênero relato de experiência, após uma entrevista realizada com a ex-coordenadora da saúde do idoso de Campina Grande-PB a qual possibilitou aos discentes o conhecimento da realidade dos idosos de nossa cidade que sofrem violência física e simbólica. Metodologicamente, basear-nos-emos nas noções de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), sobre sequência didática; de Marcuschi (2008), sobre gênero textual; de Antunes (2005), sobre o conceito da escrita, dentre outros. Veremos, então, o quão importante é a elaboração de uma situação didática de produção textual para instigar os alunos a serem sujeitos escritores.

**Palavras-chave:** Prática de ensino. Gênero relato de experiência. Violência contra os idosos.

**Abstract:** Education regency is a stage in a teacher's formation which aims to join teaching theory and practice. Such practice, according to Zabala (1998), apud Pimenta (2004), fulfills several determinants, in view of its justification in the institutional parameters, as well as the methodological traditions, the real possibilities of teachers and of the existing traditions. Considering these orientations, we remember that, about education regency, the National Curriculum Parameters also clarifies that teaching must be oriented by a teaching sequence, which, for Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004), is “a group of organized school activities, systemically, around an oral or written textual genre”. Thus, this work aims to analyze our practice with teaching the genre experience report in the basic education in the discipline Teaching Practice of the Portuguese Language in the course of Languages at Federal University of Campina Grande- PB. Furthermore, we will reflect upon the activities experienced by students from the eighth year of a Public School of basic education, as well as production of the genre experience report, after an interview performed with the former coordinator of the elderly's health in Campina Grande-PB, which provided the students knowledge about the reality of seniors from our city who suffer physical and symbolic violence. Methodologically, we will use the theories of Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) about teaching sequence, of Marcuschi (2008) about textual genre, of Antunes (2005) about the concept of writing, and others. We will see, therefore, the importance of the elaboration of a teaching situation of textual production to stimulate the students to be writing agents.

\* Graduada em Letras na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Email: celinha.letras@hotmail.com.

\*\* Graduada em Letras na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Email: julinasmos@hotmail.com.

\*\*\* Professora Doutora da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Email: ms\_paz@ig.com.br.

**Keywords:** Teaching practice. Genre experience report. Violence against the elderly.

## 1. Introdução

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”. (Paulo Freire)

Nas palavras de Paulo Freire, presentes na citação acima, deparamo-nos com a realidade dos cursos de licenciatura, nos quais, embora tenhamos muita teoria, sabemos o quanto a junção dessa teoria com a prática é importante, pois é na prática, neste caso, no ato de ensinar, que modificamos, ou, pelo menos, almejamos modificar, a realidade, intermediando na construção do conhecimento do discente.

Falando em prática de ensino, Pimenta (2004) destaca que o estágio, enquanto componente curricular, pode não ser uma completa preparação para o magistério. Entretanto, nessa disciplina, é possível fazer com que alunos, professores e comunidade escolar trabalhem com questões simples do alicerce da profissão, as quais podemos citar: “o sentido da profissão, o que é ser professor na sociedade em que vivemos, como ser professor, a escola concreta, a realidade dos alunos nas escolas de ensino fundamental e médio, a realidade dos professores nas escolas, dentre outras”. Em outras palavras, a prática de ensino possibilita ao professor em formação, o contato com a realidade concreta, visto que, nesse componente curricular, o aluno precisa estagiar em uma escola que esteja em funcionamento, tendo, assim, contato não só com alunos, tanto do nível fundamental como do nível médio, mas também, com os professores que são profissionais, normalmente, mais experientes do que os estagiários.

Assim sendo, pensando em ensino, e, mais especificamente, na prática de ensino, podemos destacar que, o ensino de língua portuguesa, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, deve ser organizado em torno de uma sequência didática, isto é, um planejamento das atividades escolares, organizado sistematicamente, visando o ensino-aprendizagem de um gênero textual. Tal planejamento é organizado por meio de módulos, sendo eles: módulos de leitura, módulo de escrita, módulo de análise linguística e módulo de reescrita, os quais são produzidos com o propósito de auxiliarem a produção do gênero norteador da sequência didática.

Tendo em vista os conceitos de prática de ensino bem como de sequência didática apresentados, temos como propósito no presente trabalho, analisar uma experiência didática obtida na disciplina Prática de Ensino de língua Portuguesa I do curso de Letras da UFCG-PB, lecionada pela professora Dr<sup>a</sup> Maria do Socorro Paz e Albuquerque. Nesse componente curricular, elaboramos uma sequência didática para o ensino de Língua Portuguesa no oitavo ano do ensino fundamental, com a qual buscamos o ensino-aprendizagem do gênero relato de experiência, e trabalhamos com a temática Violência Física e Simbólica contra os idosos, como veremos no próximo tópico. Analisaremos, então, duas entrevistas realizadas em situações diferentes, após as quais os alunos produziram os relatos de experiência. Analisaremos também dois relatos de experiência de cada uma dessas entrevistas produzidos pelos alunos e a reescrita dos mesmos. Assim, observaremos como os alunos do oitavo ano se apropriaram de alguma forma do gênero relato de experiência, e da forma de orientação da reescrita textual adotada por nós, professoras estagiárias.

Para fundamentarmos a análise deste trabalho, basear-nos-emos nas noções de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), no que diz respeito à sequência didática; em Marcuschi (2008), pensando gênero textual; em Antunes (2005), no que se refere ao processo da escrita; e em Pimenta (2004), referindo-se à experiência da prática de ensino, dentre outros que poderão acrescentar algo a essas noções.

Dessa forma, o presente artigo será organizado em quatro unidades, dentre as quais podemos destacar essa (introdução), na qual fazemos uma apresentação do que o texto trará; *Pressupostos teóricos*, em que apresentaremos alguns fundamentos teóricos que sustentarão nossa análise; *Apresentação da metodologia*, na qual faremos uma descrição da sequência didática, apresentando os seus objetivos, o gênero relato, assim como as partes que a constituem; *Apresentação e avaliação dos resultados*, na qual faremos a análise de algumas produções elaboradas pelos alunos em sala de aula, no momento da prática; e, finalmente, apresentaremos as considerações sobre a experiência adquirida com a prática de ensino.

## **2. Pressupostos teóricos**

Uma das disciplinas exigidas na grade curricular do curso de Letras é a prática de ensino de língua materna, disciplina, na qual, pela primeira vez, o aluno tem contato

com a ação de ensinar. Ou seja, durante toda a sua vida acadêmica, na maioria das vezes, o aluno vê as teorias que fundamentam o ensino, entretanto, não possuem contato com a realidade da escola, que constituem-se em uma sala de aula e por alunos e professores. Por isso, conforme Pimenta (2004), é comum haver um choque entre o professor que está em formação e a realidade do ensino, pois, no momento do estágio, aqueles que nunca ensinaram se perguntam: “Como vou dar aula se não tenho prática? O que vou fazer para ficar bem preparado para a sala de aula? Esse curso vai mesmo me ensinar a ensinar?”. Esses são questionamentos levantados por professores que fizeram um curso, cuja ênfase se deu na teoria, e não na prática de ensino. Desse modo, todos esses aspectos evidenciam a insegurança dos discentes no ato de ensinar.

Entretanto, todos nós, professores em formação, precisamos passar por essa fase de insegurança que, querendo ou não, nos orienta no que diz respeito ao nosso futuro profissional. Por isso, vale destacar como se deu a prática de ensino de língua portuguesa que é realizada no ensino fundamental.

O componente curricular em questão constitui-se de duas etapas, dentre as quais, temos inicialmente, a elaboração de uma sequência didática, e posteriormente a didatização dessa sequência em uma escola de ensino fundamental. Mas, para falarmos de sequência didática, precisamos primeiramente saber do que esta trata.

Ao lermos Dolz, Noverraz e Scheneuvly (2004) vemos que, conforme tais autores, uma sequência didática é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Logo, é indispensável a presença de um gênero textual, ou seja, um texto que apresente uma função social e um interlocutor para quem o produtor de tal texto vai escrever com uma finalidade determinada.

Sendo assim, abordamos em nossa sequência o gênero relato de experiência, que diz respeito a um texto cuja função social é relatar uma experiência vivida. Pensando nesse gênero, lembramo-nos, conseqüentemente, da escrita. Mas, o que é o processo de escrever? Essa foi uma indagação feita por Antunes (2005) para quem “escrever é, como falar, uma atividade de interação, de intercâmbio verbal, necessariamente textual”, visto que ao se comunicar com alguém, ninguém utiliza frases ou mesmo palavras soltas. Ao escrever, nós precisamos interligar as palavras, construindo ideias que passem para nosso interlocutor um sentido, dando a este a

possibilidade de entender o texto para ele produzido. No entanto, dependendo da função social exercida pelo texto em determinado momento, ele deve adequar-se a determinadas regras, sendo essas as regras composicionais do gênero, isto é, “texto materializado em situações comunicativas recorrentes” (MARCUSCHI, 2008). Ainda conforme esse autor:

“os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos, enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. [...] os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Além do gênero escolhido para nortear a sequência, é preciso elencar também uma temática, em torno da qual seja possível criar uma situação para que os alunos produzam o gênero selecionado. Para a sequência, objeto de estudo deste trabalho, escolhemos o gênero relato de experiência e a temática “Violência física e simbólica contra os idosos”. Essa sequência será descrita no próximo tópico.

A temática em questão<sup>1</sup> foi escolhida devido ao fato de a nossa sociedade ser preconceituosa no que se refere à velhice, preconceito esse que gera a violência tanto física quanto simbólica contra os idosos. Esse preconceito existe porque, infelizmente, as pessoas associam a velhice apenas às rugas, tanto é que existem diversas propagandas, em nosso país, de cosméticos anti-rugas. Entretanto, os brasileiros não percebem que “a idade não depende dos anos, mas sim do temperamento e da saúde; umas pessoas já nascem velhas, outras jamais envelhecem”, como afirma Tyron Edwards (2007). Em outras palavras, existem pessoas jovens, no que diz respeito à idade, as quais são muito mais velhas do que pessoas cuja idade está bem mais avançada.

Finalmente, escolhemos o gênero e a temática, entretanto, a sequência ainda precisa de mais algo que faz parte do processo da escrita, visto que além de termos uma função social, e o que escrever, precisamos revisar nosso texto muitas vezes, fazendo, desse modo, a reescrita do mesmo, para que, assim, possamos tornarmo-nos escritores proficientes (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004).

---

<sup>1</sup>O envelhecimento humano foi o eixo temático, no ano de 2013 do grupo PET-Letras/ UFCG, do qual Marcela de Melo Cordeiro Eulálio e Juliana Ramos do Nascimento, estagiárias na prática de ensino, fazem parte.

### 3. Apresentação da metodologia

As aulas do estágio foram ministradas durante o mês de setembro de 2013, em turmas do oitavo ano, na Escola Estadual Prof<sup>o</sup> Raul Córdula. Essa escola, como já foi dito, está situada na cidade de Campina Grande-PB e faz parte da rede pública de ensino. O funcionamento da instituição dá-se nos três turnos: manhã, tarde e noite, de segunda a sexta-feira, normalmente. Entretanto, nosso estágio foi realizado apenas em um turno, pela manhã, nos horários das aulas da disciplina Língua Portuguesa dos oitavos anos, os quais estavam distribuídos em aulas de 45 min de terça-feira à sexta-feira, com um total de aproximadamente 20 horas/ aula.

Para realizarmos o estágio, tomamos como base uma sequência didática dividida em quatro módulos: módulo de leitura, de reconhecimento do gênero, de análise linguística, e o módulo de reescrita.

Como já foi destacado, a sequência didática utilizada objetivava a apropriação do gênero relato de experiência. Para isso, o primeiro passo foi proporcionar a discussão da temática que auxiliaria a escrita do texto, depois estudar as características do gênero e produzi-lo. Em seguida, trabalharíamos algumas dificuldades recorrentes apresentadas pelos alunos nos relatos produzidos por eles, no que se refere à pontuação, por exemplo, para auxiliá-los, desse modo, na reescrita da produção textual. Esses passos resumem os objetivos para cada módulo da sequência didática, os quais podemos ver a seguir:

No módulo de leitura, objetivamos apresentar e aprofundar a temática da nossa sequência “Violência física e simbólica contra os idosos”, a qual por ser muito distante do universo jovem necessitaria ser abordada por meio de textos que provocassem o interesse pelo tema, contribuindo, assim, para o envolvimento dos discentes com as aulas, bem como, com a realidade. Os textos utilizados nesse módulo foram: a música “Envelhecer” de Arnaldo Antunes, o conto literário “Lembrança” de Luís Vilela, a entrevista impressa sobre a prevenção da violência contra os idosos com Eliana Bandeira, disponível no Canal Minas Saúde, a notícia “Campina Grande lidera ranking de violência contra idosos na Paraíba”, presente no portal de notícias, e nove capítulos do Estatuto do Idoso (I, II, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X).

No módulo de reconhecimento do gênero da nossa sequência, objetivamos que os alunos reconhecessem as características do gênero relato de experiência em alguns exemplos; compreendessem a importância desse gênero para a experiência humana, e comparassem esse relato com o relato autobiográfico, observando, dessa forma, as diferenças presentes nos dois.

No módulo de análise linguística da nossa sequência, objetivamos estudar com os alunos o significado dos sinais de pontuação, compreender a funcionalidade desses sinais gráficos no texto “A herança e a pontuação”, e em um exercício que apresentava frases sem pontuação, para que, desse modo, os alunos pudessem pontuá-las corretamente, dando os possíveis efeitos de sentido advindos da pontuação.

Nesse módulo, ainda objetivamos revisar as características do gênero relato de experiência com os alunos, enfatizando oralmente as partes principais: contextualização, apresentação da experiência e considerações, além de revisarmos também os conteúdos da pontuação e da acentuação, para que, assim, os alunos tivessem um aporte linguístico, bem como o textual dado no módulo de leitura, no momento da produção textual.

No módulo de reescrita, objetivamos mostrar aos alunos algumas inadequações presentes nos textos deles. Problemas esses que interferiam na compreensão textual. Para tanto, o nosso propósito foi selecionar um texto escrito por um dos alunos com a finalidade de reescrevermos juntamente com eles, fazendo, desse modo, com que identificassem os erros e reescrevessem juntamente conosco, tentando melhorar, assim, o texto para que houvesse uma coesão, e coerência textual.

Nesse módulo, intentamos também realizar a reescrita individual. Para isso, lhes entregamos os textos corrigidos com a finalidade de que pudessem reescrevê-los com base nas observações feitas por nós. Nessas observações, chamamos-lhes a atenção por meio de questionamentos reflexivos, no que diz respeito à adequação do gênero relato de experiência, à pontuação, à acentuação, dentre outros aspectos linguísticos que prejudicam a coesão, e, portanto, a coerência textual.

Assim sendo, após observarmos a descrição da sequência didática aplicada no estágio em análise, veremos, no próximo tópico, a entrevista que possibilitou a produção do relato de experiência por parte dos alunos, bem como, alguns textos fruto dessa experiência adquirida após a entrevista. Além disso, veremos na última categoria

de análise, como foi feita a orientação para a reescrita individual a fim de que os alunos refletissem acerca de suas incoerências. A análise dessas atividades nos possibilitou ampliar nossas reflexões acerca da prática de ensino.

#### **4. Apresentação e avaliação dos resultados**

No presente tópico, veremos o quão importante é criar uma situação de produção e envolver os alunos na sua realização. Por meio da situação elaborada pelo professor, os alunos serão instigados a produzirem, tendo em vista o fato de que o seu conhecimento prévio é despertado. Na experiência didática em análise, construímos uma situação, na qual os alunos precisaram ter contato primeiro com o gênero entrevista, para depois, produzirem o relato de experiência. Em outras palavras, os alunos relataram a experiência adquirida após terem contato com o gênero entrevista por escrito e participarem da realização de uma na escola.

Assim, nós estagiárias produzimos a entrevista que foi feita com a ex-coordenadora da saúde de Campina Grande, Odaísa Rocha, por ser ela muito experiente na temática abordada em sala de aula “Violência física e simbólica contra os idosos”. A entrevista foi realizada na escola. Entretanto, no dia desse evento, alguns alunos não estavam em classe, por isso, realizaram uma entrevista com um idoso escolhido por eles, apenas considerando a temática trabalhada, visto que, a entrevista era necessária para produção do relato. Assim, veremos, nos itens a seguir, as entrevistas realizadas, e, conseqüentemente, as produções dessas entrevistas, observando se os alunos atingiram o propósito da sequência didática elaborada, ou seja, elaborar um relato de experiência.

##### **4.1. Entrevista com Odaísa Rocha**

Antes de realizar a entrevista em questão, preparamos os alunos estudando não só a temática “Violência física e simbólica contra os idosos”, mas também, os direitos que os idosos possuem na sociedade. Assim sendo, levamos para sala de aula alguns capítulos do Estatuto do Idoso, documento no qual podemos nos ater sobre os direitos que os idosos possuem. Objetivamos com a discussão sobre o Estatuto, mostrar aos alunos como é importante respeitar os direitos que o público alvo em questão possui,

dentre os quais podemos citar alguns, como o assento no transporte público, as filas preferenciais, a entrada gratuita em teatros, dentre outros. Para apresentar as informações propositadas aos estudantes, selecionamos alguns capítulos do Estatuto, os quais já foram citados no tópico anterior para que, desse modo, no dia da entrevista eles tivessem o conhecimento sobre alguns dos artigos que regem os direitos dos idosos.

A entrevista foi realizada em duas aulas de 45 minutos, ou seja, em 1 hora e meia. Nesse período de tempo os alunos realizaram as perguntas planejadas a Odaísa Rocha, respeitando-a, e fazendo-nos ver o quão importante foi estudar com eles o Estatuto do Idoso, visto que, a ex-coordenadora da saúde de nossa cidade, falou sobre esse documento e fez perguntas sobre o mesmo aos alunos, no momento em que respondia as questões elencadas abaixo, e tais alunos responderam os questionamentos direcionados a eles.

- 1- Tendo em vista o seu contato com idosos da cidade de Campina Grande, a senhora tem o conhecimento de algum dado aproximado sobre a quantidade de idosos no nosso município?
- 2- Terceira idade, melhor idade, idoso, velho. Dentre essas palavras, qual delas a senhora acha mais adequada para esse público alvo?
- 3- No que diz respeito aos serviços de saúde públicos e privados, a senhora acha que há um atendimento eficiente aos idosos em nossa cidade?
- 4- Quais são os problemas que mais afetam os idosos em nossa cidade?
- 5- A senhora acha que podemos considerar a falta de atendimento para com os idosos uma violência? Por quê?
- 6- Pensando nos direitos do idoso, a senhora acha que tais direitos, dentre os quais podemos destacar o direito ao transporte público gratuitamente, o direito a assentos nesses transportes, o direito à aposentadoria, o direito à habitação e a locais adequados para sua estadia, são respeitados em Campina Grande?
- 7- A senhora já presenciou a violência contra o idoso em nossa cidade? Caso sim, pode relatar o (s) tipo (s) de violência presenciada?
- 8- Pensando no direito do idoso a uma vida com dignidade, e no direito a estudos e ao lazer, podemos identificar o preconceito para com esse público alvo?
- 9- Na nossa sociedade como um todo, percebemos um certo receio no que se refere ao envelhecer, já que as pessoas, na maioria das vezes, não gostam de ser chamadas de velhos, nem admitem que estão vivendo esta fase da vida. Tendo em vista isso, podemos dizer que essa repulsa com a velhice gera, conseqüentemente, a discriminação e a violência contra o idoso? Por quê?
- 10- Com base nos seus conhecimentos acerca dos fatores que envolvem a velhice, que conselho a senhora daria para os jovens que tem avós, pais, e, futuramente, irão envelhecer?
- 11- O que você acha da família colocar seu idoso em um asilo? Seria essa uma violência para com o idoso? Por quê?

- 12- Sabemos que o idoso tem o direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, assim como coloca, o Estatuto do idoso, pensando nisso, podemos afirmar que os idosos em Campina Grande possuem essa liberdade? Existem órgãos em Campina grande responsáveis por propiciar essa liberdade? Quais são eles?
- 13- A senhora sente falta de alguma coisa ou gostaria que tivesse, em sua cidade, algo voltado, especialmente, para a terceira idade?
- 14- Campina Grande não possui uma delegacia do idoso, a qual deveria existir conforme o Estatuto do idoso. Já que não a temos, onde são resolvidos os problemas referentes à violência contra o idoso em nossa cidade?
- 15- Sabemos que existe a função cuidadores de idosos, uma profissão que cresce a cada dia, tendo em vista o aumento do número de idosos. Na nossa cidade, há um curso preparatório para esses profissionais? Caso contrário, podemos dizer que isso pode favorecer a violência?

Após formularmos as questões da entrevista com Odaísa, pedimos-lhe que apresentasse a sua opinião sobre a temática trabalhada em sala de aula, e relatasse fatos presenciados por ela sobre a violência física e simbólica contra idosos. Assim, ela nos relatou e aos alunos, várias experiências. Um desses relatos esteve presente na maior parte das produções textuais dos alunos, como poderemos ver na análise dos relatos.

#### 4.1.1. Relato de experiência sobre a entrevista com Odaísa Rocha

Analisaremos um dos relatos produzidos sobre a entrevista com Odaísa Rocha sobre os idosos. Observaremos se o aluno obedeceu à estrutura composicional do gênero relato de experiência, assim como, a temática que subsidiou tanto a entrevista, quanto a sequência didática elaborada para o estudo desse gênero.

##### Entrevista sobre Idosos

No ano de 2013 na Escola Estadual Raul Córdula a ex-coordenadora da saúde Odaísa Rocha deu uma entrevista aos alunos do 8º ano A e B respondendo perguntas e relatando suas experiências vivida como cuidadora de idosos. Um de seus relatos foi de uma mãe idoso que a filha a espancava e mandava a sua filha menor também bater na própria mãe. No final a idosa foi devidamente encaminhada para um hospital devidamente específico para idosos onde lá recebe cuidadosos de alta qualidade. Não posso deixar de falar que violencia contra os idosos está sendo cada vez mais frequente em todo o país. Existem leis que punem quem der maus tratos aos idosos. Todo idoso tem direitos eles trabalharam a vida toda para o sustento da família e hoje eles só querem descansar.

Quadro 1: Relato de experiência produzido por uma aluna do oitavo ano.

Observando o relato acima transcrito, encontramos três partes bem delimitadas, dentre as quais, percebemos, inicialmente, uma contextualização, na qual o aluno diz quando ocorreu o fato, onde, e com quem; um desenvolvimento, no qual ele relata um dos casos contados pela ex-coordenadora da saúde de Campina Grande, e, finalmente, uma conclusão, na qual ele finaliza o texto falando de suas impressões sobre a temática abordada.

Pensando nessa estrutura trazida pelo aluno ao seu texto, vemos que ele obedece ao que chamamos de contextualização, desenvolvimento e conclusão, entretanto, ele se restringiu a um fato relatado por Odaísa Rocha, que respondeu a quinze questões sobre a temática tratada em sala de aula. Entretanto, como dissemos no subtópico anterior, a maioria dos alunos se deteve em relatar esse fato contado por Odaísa, visto que, além de ser um fato chocante, está diretamente, ligado à violência contra o idoso, uma vez que a filha maltratava a própria mãe idosa.

Após essa etapa, trabalhamos com os alunos no módulo de produção e reescrita textual o que estaria faltando relatar em seus textos, além de trabalhar os aspectos linguísticos referentes à norma padrão. Vejamos como esse aluno reescreveu seu relato.

#### 4.1.2. Reescrita do Relato de Experiência sobre a entrevista com Odaísa Rocha

##### Entrevista sobre os idosos

No ano de 2013, na Escola Estadual Raúl Córdula, a ex-coordenadora de saúde, Odaísa Rocha, deu uma entrevista aos alunos do oitavo ano da turma A e B, respondendo perguntas e relatando suas experiências. Um de seus relatos foi de uma mãe cuja filha a espancava e mandava a sua filha menor também bater na própria avó. No final, a idosa foi encaminhada para um abrigo onde lá recebeu cuidados de alta qualidade. É importante dizer que a violência contra os idosos está cada vez mais frequente em todo o país. Existem leis que punem maus tratos a idosos. Todo idoso tem direitos e esses direitos têm de ser respeitados. Eles trabalharam a vida toda para o sustento da família e hoje eles só querem descansar.

Quadro 2: Reescrita do relato de experiência de um aluno do oitavo ano da E.E.E.F.M. Professor Raúl Córdula.

Ao observarmos a reescrita do texto apresentado no subtópico anterior, presente no quadro 2, vemos que o aluno, praticamente passou a limpo, ou seja, recopiou o seu texto sem fazer modificações, deixando-nos claro um conceito de reescrita que para os alunos, não passa de um termo que descreve a ação de passar o texto a limpo. Em outras palavras, alguns alunos não consideram as observações de reflexão colocadas pelo professor, pois, para eles, é mais fácil corrigir alguns termos indicados como inadequados pelo professor, e copiar o mesmo texto. Isso é mais fácil do que aproveitar as ideias e reorganizá-las, reescrevendo o texto de outra forma. Por isso, no texto em questão, identificamos a cópia quase fiel do texto visto anterior, salvo o último período textual, no qual o aluno, felizmente, reorganiza a forma como coloca suas impressões, as quais, no texto anterior estavam em primeira pessoa.

#### **4.2. Entrevista com um idoso**

Como já foi dito anteriormente, devido à ausência de alguns alunos no dia da entrevista com Odaísa Rocha, preparamos outra entrevista para que esses alunos as fizessem com um idoso, seja da sua família ou da sua comunidade, para que, desse modo, eles pudessem assim como os outros relatar a experiência adquirida por meio de entrevista. Vejamos, então, as questões colocadas na entrevista realizada com idosos:

- 1- Pela legislação brasileira a partir dos 60 anos, o cidadão já é incluído dentro do grupo da terceira idade . O Sr. (a) acha que os idosos têm seus direitos respeitados no Brasil, e em específico, na sua cidade? O Sr. (a) poderia dizer algum tipo de direito dos idosos que não são respeitados?
- 2- O Sr. (a) acha que a terceira idade sofre preconceito? De que modo?
- 3- Terceira idade, melhor idade, idoso, velho... A seu ver qual palavra é mais adequada para esse público?
- 5- O Sr. (a) participa de algum grupo da terceira idade? Grupos da rede pública da cidade, da igreja...
- 6- O Sr. (a) acha importante a existência de áreas de esporte, lazer, encontros, grupos de dança para os idosos? O Sr. (a) conhece algum lugar na sua cidade ou participa?
- 7- Os transportes, as ruas, os serviços de saúde da sua cidade são adequados para a terceira idade? Como eles são?

- 8- O Sr. (a) sente falta de alguma coisa ou gostaria que tivesse em sua cidade voltada para a terceira idade?
- 9- O Sr. (a) sabia que Campina Grande lidera o número da violência contra idosos na Paraíba? O Sr. (a) sofreu ou presenciou algum tipo dessa violência?
- 10- Alguma vez o Sr. (a) pediu, solicitou parada do ônibus e não teve, ou viu alguém fazer isso?
- 11- Dentro do ônibus, os idosos têm direito a cadeira reservada, mas muitas pessoas sentam e não dão o lugar para eles sentarem. Já aconteceu isso com o Sr. (a), ou viu ou ouviu algum idoso reclamar disso?
- 12- Nos serviços de saúde, públicos ou particulares, da cidade, o Sr (a) alguma vez já foi desrespeitado, ou viu cenas de maus tratos com algum idoso?
- 13- As calçadas da cidade, lojas e supermercados são acessíveis aos idosos?
- 14- Nos supermercados, bancos e lojas existem as filas preferenciais, e elas estão cada vez mais lotadas. O Sr. (a) percebe isso? A seu ver, seria melhor criar uma fila preferencial para idosos?
- 15- Muitos casos de agressões, não só físicas, como verbais e morais, contra as pessoas da terceira idade são praticadas por familiares. O Sr. (a) já sofreu ou conhece algum caso dessa violência no seio da família?
- 16- Em 1996 foi criado o Estatuto do Idoso, o Sr. (a) o conhece, ou sabia que ele existe?
- 17- De acordo com esse estatuto, o do Idoso, é obrigação do estado e da família oferecer os cuidados básicos ao idoso. Mas os estados têm suas falhas e muitas famílias colocam seus idosos em asilos, muitos por não terem condições de cuidar, como a falta de tempo por questões do trabalho, por exemplo. O que o Sr. (a) acha disso? O asilo seria uma boa opção ou só em último se deve pensar nele?
- 18- Em muitos países da Europa, existem casas de repouso para idosos, o que aqui no Brasil chamamos de asilos, existem também outras casas, nas quais eles passam apenas o dia, no modelo das creches brasileiras. E muitos idosos preferem essas casas, se mantem afastados da família e não se tem a ideia de que são abandonados. O que acha disso?
- 19- Que imagem o Sr. (a) tem dessa passagem da fase adulta para a fase do envelhecimento? Quando o Sr. (a) era mais jovem ficava pensando como seria essa fase?
- 24- Sobre as oportunidades de emprego para pessoas da terceira idade. O Sr. (a) já procurou emprego e não foi contratado por causa da sua idade? O Sr. (a) acha importante o idoso exercer uma profissão?

Ao lermos as questões acima apresentadas, vemos que as questões seguem a mesma linha daquelas observadas na entrevista elaborada para Odaísa Rocha. Entretanto, vale salientar que, nesse caso, o entrevistado trata-se de uma pessoa que vive

na fase da velhice, e que, pode estar sofrendo, possivelmente, a violência contra o idoso no seu dia-a-dia. Violência essa que pode ser moral, realizada, por exemplo, quando não cedemos o nosso assento para o idoso sentar no ônibus. Diferenciando-se dessa, a entrevista anterior, elaborada para a ex-coordenadora da saúde de Campina Grande, entrevista uma pessoa que lida com o público alvo da violência, no entanto, ela, a entrevistada, não sofre esse tipo de violência. Por isso, vimos experiências diferentes no que diz respeito aos alunos que produziram o relato sobre a primeira entrevista e aqueles que produziram o relato da entrevista com um idoso.

#### 4.2.1. Relato de experiência sobre a entrevista com o idoso

Pensando no Relato de experiência com base na segunda entrevista apresentada, vejamos um texto, no qual o aluno relata uma entrevista realizada com o avô dele. Vale ressaltar que atentaremos não só para o conteúdo do texto, mas também, para a compreensão do aluno no que diz respeito ao gênero relato de experiência, cuja estrutura foi apresentada e revisada, em sala de aula, conforme visto na sequência didática descrita na metodologia do presente trabalho.

##### **Experiência com meu avô**

O meu relato de experiência não é com a ex-coordenadora da saúde de Campina Grande, Odaísa Rocha. O meu relato acontece com meu avô o Sr. Antenor Lino da Silva.

Eu entrevistei no dia 12 de setembro de 2013, na minha casa, ele respondeu a todas as minhas perguntas e contou algumas histórias da sua infância, adolescência e juventude.

Foi bastante interessante esse momento com meu avô, até mesmo pra nos aproximarmos, pois nunca tivemos uma conversa desse tipo, ele relatou histórias que não imaginava que tivessem acontecido.

Meu avô falou coisas tanto agradáveis quanto desagradáveis, coisas desagradáveis do tipo preconceito, muita gente acha que por o idoso ser indefeso maltratam, judiam achando que e qualquer coisa, se achando auto-suficiente demais e nem lembra que um dia vai chegar a vez deles, a vez de ficar indefeso.

Mas nesse período da vida, não acontece só coisas ruins, acontece coisas boas, meu avô falou de algumas vantagens como por exemplo passagem gratuita no transporte público, medicamentos e claro contar todas as suas experiências aos mais novos.

Quadro 3: Relato de experiência produzido por um alun do oitavo ano.

Observando o texto do quadro 3, percebemos de início (em vermelho) que o aluno sente a necessidade de dizer que o seu relato não foi a partir da entrevista com Odaísa Rocha, e sim, da entrevista com um idoso, no caso com seu avô. Assim, é possível observar que o aluno não seguiu corretamente a estrutura do gênero relato de experiência, que apresenta, inicialmente, uma contextualização, na qual dizemos onde ocorreu o fato, quando ocorreu tal fato, e com quem ocorreu; um desenvolvimento, no qual fazemos o relato do que ocorreu, e uma conclusão, em que amarramos o texto com a experiência sobre o que ocorreu. Essa estrutura do gênero em questão foi apresentada, e posteriormente, revisada em classe, conforme, vimos na descrição da sequência didática apresentada no tópico anterior. Contudo, mesmo assim, pudemos notar que os alunos sentiram dificuldade na produção do gênero, embora tenhamos feito várias indicações, e demonstrado vários exemplos de como fazer um relato, seja ele oral ou escrito.

Assim, vemos que, na maioria das vezes, ou os alunos não prestam atenção no que o professor diz em sala de aula, ou se prendem muito a dar justificativa ao professor do porque não fez determinada atividade. Em outras palavras, conforme já expusemos, pensamos em elaborar apenas uma entrevista com Odaísa Rocha, para que, a partir dessa, os alunos produzissem seu texto. Entretanto, devido à falta de alguns alunos, precisamos encontrar uma alternativa: os alunos faltosos fizeram uma entrevista com um idoso. Fato esse que os levou a sentirem a necessidade de justificar o fato de não estarem redigindo um texto sobre a entrevista com Odaísa Rocha. E que terminou ampliando a experiência do grupo sobre o assunto.

Mas, voltando ao texto do aluno, identificamos em azul, o que o aluno diz quando ocorreu o fato, onde e com quem, começando, desse modo, a obedecer a estrutura de um relato como podemos ver nos dois últimos parágrafos do texto destacados em verde. Vemos, nessa parte, que o aluno relata a sua entrevista com o avô, trazendo à tona a temática discutida em sala, e tema da entrevista: violência física e simbólica contra o idoso. Portanto, apesar de estar inadequado inicialmente, notamos que ele atinge o objetivo do texto: relatar um fato, que, nesse caso, é a entrevista com seu avô, na qual, conforme ele o avô respondeu todas as questões, relatando-lhe ainda alguns fatos de sua vida que para ele (aluno) eram desconhecidos.

#### 4.2.2. Reescrevendo o relato de experiência sobre a entrevista com o idoso

Vejam os a reescrita do relato do aluno 2.

<b>Aprendendo com meu avô</b>
<p>Eu entrevistei meu avô o Sr. Antenor Lino da Silva, de 63 anos, no dia 12 de setembro de 2013, em Campina Grande, a pedido das estagiárias Juliana e Marcela para uma atividade da disciplina de Língua Portuguesa.</p> <p>Eu o entrevistei na minha casa, ele respondeu a todas as minhas perguntas e me contou algumas histórias da sua infância, adolescência e juventude.</p> <p>Foi bastante interessante esse momento com meu avô, até mesmo para nos aproximarmos, pois nunca tivemos uma conversa desse tipo, ele relatou histórias que eu não imaginava que houvessem acontecido.</p> <p>Meu avô falou coisas agradáveis como por exemplo ainda existem pessoas boas que entendem e respeitam os idosos e desagradáveis do tipo preconceito, muita gente acha que por o idoso ser indefeso o maltratam achando que eles não têm direitos que o protegem.</p> <p>Mas na terceira idade não acontece só coisas ruins, acontece coisas boas, meu avô falou de algumas vantagens, como por exemplo, ter passagem gratuita no transporte público, medicamentos, e claro, contar todos os seus relatos aos mais novos.</p>

Quadro 4: Reescrita de um texto produzido por uma aluna do oitavo ano da E.E.E.F.M. Prof. Raul Córdula.

Ao analisarmos o texto presente no quadro acima, detectamos algo bem comum nas reescritas feitas pelos nossos alunos. Na maioria das vezes, os alunos entendem reescrita como “passar a limpo”, isto é, o professor entrega o texto com algumas observações ao aluno e o mesmo apenas passa o texto a limpo substituindo os trechos que, conforme o professor, são inadequados, ou mudam uma ideia que para o mesmo pareceu confusa, mas eles têm dificuldade de mudarem algo apenas sugerido, ou mesmo, não acrescentam uma ideia, a não ser que o professor a formule.

Podemos perceber isso na reescrita do texto visto na última categoria aqui apresentada. Vimos, anteriormente, que o aluno sentiu a necessidade de explicar para o professor o porquê de não ter feito o relato sobre a entrevista com Odaíse Rocha, assim como, consideramos essa justificativa desnecessária, uma vez que não comporta a estrutura do gênero relato. Sendo assim, o aluno considerou a observação feita por uma das professoras estagiárias em seu texto, e retirou a parte que essa julgou desnecessária. Entretanto, se compararmos o restante do texto, com o anterior, especialmente a parte

destacada em verde, o texto continua o mesmo, salvo o primeiro parágrafo, no qual ele precisou reformular, conforme as observações feitas por nós.

### 4.3. Analisando as orientações para a reescrita do relato

Veremos, nesse tópico, como foram feitas as observações para que os alunos fizessem a reescrita individual, na qual deveriam observar as orientações por nós estagiárias sugeridas, refletir sobre tais observações e reescrever seu texto. A correção foi feita em forma de bilhetes reflexivos, como podemos ver no quadro abaixo:

69

**Experiência com meu avô**

Não é preciso informar isso. Comece falando do seu avô.

Repensar o termo, pois é muito parecido com uma experiência científica.

O meu relato de experiência não é com a ex-coordenadora da saúde de Campina Grande, Odaísa Rocha. O meu relato acontece com meu avô o Sr. Antenor Lino da Silva.

Eu entrevistei no dia 12 de setembro de 2013, na minha casa, ele respondeu a todas as minhas perguntas e contou algumas histórias da sua infância, adolescência e juventude.

Em Campina Grande?

Foi bastante interessante esse momento com meu avô, até mesmo pra nos aproximarmos, pois nunca tivemos uma conversa desse tipo, ele relatou histórias que não imaginava que tivessem acontecido. } Lindo!

Em relação a que?

{Meu avô falou coisas tanto agradáveis quanto desagradáveis}, coisas desagradáveis do tipo preconceito, muita gente acha que por o idoso [que pelo fato do idoso...] ser indefeso maltratam, judiam achando que e qualquer coisa, se achando auto-suficiente demais e nem lembra que um dia vai chegar a vez deles, a vez de ficar indefeso.

Você ou ele? Não imaginava ou não lembrava?

Qual?

Mas nesse período da vida, não acontece só coisas ruins, acontece coisas boas, meu avô falou de algumas vantagens como, por exemplo, passagem gratuita no transporte público, medicamentos e claro contar todas as suas experiências aos mais novos.

Repensar essa ideia.

- Seu relato está muito bom, mas precisa ser contextualizado.
- Considere as seguintes questões para reescrever seu texto:
  - Porque você fez essa entrevista com seu avô?
  - Foi uma atividade da disciplina? Qual disciplina?

Quadro 5: Modelo das correções feitas pelas estagiárias.

Analisando a forma de correção acima apresentada, percebemos que é uma proposta de correção que possibilita ao aluno, fazer uma reflexão. Entretanto, vimos que os alunos não estavam habituados a forma utilizada, ou seja, aos bilhetes com questionamentos reflexivos, pois durante a orientação para a reescrita individual, muitos alunos perguntavam o que significava aquelas perguntas e se era para respondê-las.

Por isso, como vimos nos tópicos anteriores, em algumas reescritas, os alunos não reconstruíam a ideia confusa, ou então, apenas copiavam o texto, visto que não haviam compreendido, por mais que houvéssemos explicado, a forma de correção utilizada.

Assim sendo, é perceptível a necessidade de trabalhar com os alunos, o conceito de reescrita, bem como, trabalhar a reflexão, pois eles estão mais acostumados com a fórmula, na qual o professor aponta o erro, e indica como o aluno deve corrigir, e esse apenas passa o texto a limpo trocando os termos, sem saber nem o porquê de estar fazendo isso. Logo, é necessário, haver uma interação entre professor e aluno para que, dessa forma, o aluno compreenda e consiga alcançar uma boa reescrita textual, na qual ele consiga compreender as observações feitas pelo professor, e reformular suas ideias, sem ser preciso seguir nenhuma “fórmula mágica”.

## **5. Considerações finais**

Tendo em vista o objetivo traçado no presente artigo, o qual diz respeito a observar como os alunos do oitavo ano se apropriariam tanto do gênero relato de experiência quanto da forma de reescrita textual adotada por nós no estágio. Assim, consideramos que conseguimos alcançar esses propósitos em parte, já que constatamos que alguns alunos estão acostumados com uma “receita de bolo” no que se refere à reescrita textual. Em outras palavras, pudemos observar que os alunos preferem a indicação de como fazer, mas, não querem em momento algum, refletir e interpretar

como devem fazer o texto, ou mesmo reescrevê-lo. Em geral, eles fazem a reescrita, se nós já apresentarmos por escrito as mudanças necessárias para que eles as copiem depois na reescrita. Sobretudo, constatamos que os alunos preferem perguntar ao professor, e tentar obter uma resposta pronta, do que pensar um pouco e interpretar um questionamento. Eles não gostam de perguntas, preferem as respostas.

Sobre a temática do idoso, consideramos que ela foi de grande importância e quanto à nossa preocupação inicial de que eles talvez não se identificassem com ela, aprendemos que, quando a situação de produção e o gênero selecionado na sequência didática são bem planejados e didatizados, os alunos “compram a proposta” e se interessam. Mesmo não tendo feito as reescritas com todo o cuidado devido, não podemos negar que não apenas eles se envolveram e aprenderam muito com a sequência vivenciada e a temática do idoso, mas nós também levaremos boas lembranças para nossa formação docente.

## 6. Referências

- ANTUNES, Irandé, 1937- *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRONCKART, Jean- Paul. As condições de produção de textos. In.: *As atividades de linguagem, textos e discursos*. São Paulo: EDUC, 1999.p. 91-103.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In.: DOLZ, Joaquim; SCHNEUVLY, Bernard e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. E Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In.: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- RUIZ, Eliana. *Como se corrige redação na escola*. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2001, Caps. 1 e 2.
- EDWARDS, Tyron. 2004. Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/frases/autores/tyron-edwards/>>. Acesso: 04. dez. 2013.